

A COMPANHIA DE JESUS E OS ÍNDIOS NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO  
SÉCULOS XVI XVII E XVIII

**Aluna: Cynthia Passos Brandão**  
**Orientadora: Eunícia Barros Barcelos Fernandes**

**Introdução**

O projeto de pesquisa *A Companhia de Jesus e os índios na Capitania do Rio de Janeiro*, do qual me tornei bolsista PIBIC em agosto de 2010, teve início dois anos antes, em 2008, e tem como objetivos principais a visibilidade da ação da Companhia naquela capitania e a identificação do índio como sujeito histórico. Sendo uma pesquisa coletiva, minha atuação complementa a ação de outras pesquisadoras que vieram antes de mim e que desenvolveram reflexões sobre o Colégio dos jesuítas, situado no antigo Morro do Castelo.

**Objetivo**

A pesquisa tem como principal objetivo gerar uma visibilidade sobre a atuação da Companhia de Jesus junto aos índios na Capitania do Rio de Janeiro, promovendo um levantamento de fontes nos acervos da cidade do Rio de Janeiro e bibliografias sobre a Companhia de Jesus entre o momento da criação da Capitania no século XVI até a sua expulsão no XVIII. Para isso o trabalho de pesquisa foi dividido em sub-temas a partir das estruturas ocupacionais – colégio, aldeamento e fazenda – e tendo a característica de uma pesquisa coletiva, cada pesquisadora da Iniciação Científica ficou responsável por um sub-tema. Inicialmente as alunas Maria José, Débora Meira, Amanda Pasti, Lívia Uchôa e Andréa Mota, se dedicaram a fazenda, ao colégio, ao aldeamento e a câmara (este último sub-tema deixou de ser analisado) respectivamente.

Herdando o sub-tema colégio da pesquisadora Débora Meira e da Amanda Pasti, me dediquei a complementar o trabalho já feito por esta. Atualmente, novas alunas fazem parte da pesquisa desde agosto de 2011 e adicionam o trabalho já realizado pelas pesquisadoras anteriores, são elas: Aline de Souza, Ana Paula Rodrigues, Jessicka D. Silva e Jessica Corrêa, que trabalham com Colégio, Fazendas, Aldeamentos e Índios, respectivamente.

Como um dos trabalhos propostos na pesquisa, tem-se o objetivo de realizar um levantamento de fontes nos acervos da cidade do Rio de Janeiro sobre a Companhia de Jesus entre o momento da criação da Capitania no século XVI até a expulsão dos inicianos no XVIII, sistematizar teses produzidas nos diferentes programas de pós-graduação no Brasil, no intuito de ampliar as reflexões historiográficas sobre a temática, inventariar dados sobre as tradicionais estruturas de ocupação da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro como o Colégio de São Sebastião, os aldeamentos e as fazendas, e desenvolver uma reflexão sobre o lugar da Companhia no processo colonizador, observando alianças e antagonismos estabelecidas entre colonizadores, colonos e colonizados em função dos índios.

A pesquisa *A Companhia de Jesus e os índios na Capitania do Rio de Janeiro* tem como levantar hipóteses por meio da atuação dos missionários jesuítas na capitania, que dentre elas é fazer uma análise centrada no papel exercido pela Companhia de Jesus na colonização da América portuguesa e, em especial, nas relações estabelecidas junto aos índios, vendo as articulações de poder no processo colonizador.

## Metodologia

No primeiro semestre de 2010, fui convidada para participar do grupo de pesquisa pela professora Eunícia Fernandes, assim, ingressei no grupo de pesquisa em agosto do mesmo ano e desde a presente data, muito trabalho foi realizado. Com um grupo já formado, uma série de trabalhos já realizados e um conhecimento do panorama historiográfico sobre a Companhia de Jesus e sobre os índios das pesquisadoras da Iniciação Científica, coube a mim, desde a presente data, dar continuidade ao trabalho iniciado por Amanda Pasti e Débora Meira, focando mais no século XVIII, através de levantamento de documentos históricos na Biblioteca Nacional sobre os jesuítas e o Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro. Também analisei esses documentos para pensar de modo mais genérico o papel que os colégios tiveram na colonização na capitania.

No início da minha participação na pesquisa foi priorizada um conjunto mínimo de conhecimentos, com ênfase na leitura e discussão de textos. Como primeiro trabalho realizado, fui encarregada de ler a tese de doutorado da nossa orientadora: *Futuros Outros: homens e espaços. Os aldeamentos jesuítas e a colonização na América portuguesa*. Dando uma maior atenção aos aldeamentos de São Barnabé e São Lourenço, pude ver as ações dos atores sociais e a sua articulação nos aldeamentos. Pude perceber também que os aldeamentos eram uma ação colonizadora da coroa por meio da aliança com a Companhia de Jesus.

Além dessa leitura, todo o grupo leu e discutiu outros textos que ampliavam a compreensão acerca da atuação da Companhia de Jesus, não nos limitamos apenas na Capitania do Rio de Janeiro, mas também em outros espaços na América portuguesa. Como um dos textos analisados está o capítulo: *Geopolítica e produção da vida cotidiana no Rio de Janeiro colonial* de Fania Fridman. Aqui a autora vê a participação dos religiosos – sem se prender apenas a Companhia de Jesus – na lógica colonial antiga colônia, segundo a autora “os religiosos eram responsáveis pelos avisos das horas, dos incêndios, dos nascimentos e das mortes transmitidos pelos sinos das igrejas.”<sup>1</sup> Fala do surgimento do Colégio do Rio de Janeiro e da sua importância na cidade, da catolização como um elemento importante para o ser português e das ordens religiosas presentes na cidade. Nesse texto podemos ver que as ordens religiosas tinham grande importância no funcionamento da cidade e dominaram o setor econômico, à produção do saber e à cultural em geral.

Outro texto lido é: *Visões do Rio de Janeiro Colonial – Antologia de Textos (1531-1800)*, que trás dois testemunhos de homens do século XVII que chegaram à capitania e escreveram sobre a terra e a gente que a habitava, um dois texto que destaco do poeta inglês Richard Flecknoe que em uma viagem a América portuguesa faz uma descrição não apenas do Brasil ou da Cidade Do Rio de Janeiro, mas também de sua fauna e flora, das propriedades dos padres jesuítas e dos nativos da terra. Chamando-os de “selvagens domesticados”, Flecknoe nos diz que são todos cristãos. As discussões e debates sobre textos indicados pela orientadora e que sempre ampliavam o nosso conhecimento acerca dos jesuítas e dos índios.

Junto com essas leituras desenvolvi outras atividades na pesquisa, como: (1) a cronologia do Geral Superior, Reitores do Colégio do Rio de Janeiro e Provinciais da América portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII, (2) outra cronologia, também dos mesmos séculos, que reunia todos os sub-temas pesquisado no grupo – este realizado com a ajuda de todas as pesquisadoras – (3) levantamento de teses na CAPES, (4) a produção de resenha, (5) levantamento documentais na Biblioteca Nacional acerca ao

---

<sup>1</sup> FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei: uma história da cidade do Rio de Janeiro*. 2 ed. Jorge Zahar Editor. p. 14

colégio e (6) a produção de um verbete. Por meio desses trabalhos realizados e tendo como objetivo divulgá-los, disponibilizamos esses dados construídos no site do grupo, que pode ser acessado pelo endereço eletrônico: <http://acompanhiadejesuseosindios.wordpress.com/>. Encontrei certa dificuldade em encontrar novos documentos sobre o colégio na Biblioteca Nacional, assim, comecei a analisar os documentos já levantados pelas antigas pesquisadoras e os poucos novos que conseguir achar e juntei-os em uma tabela para a melhor visualização. Também foi por meio do levantamento de teses na CAPES que a maioria dos trabalhos feitos sobre o colégio pertencem mais à área da educação. Ainda no início da minha participação no grupo de pesquisa senti uma pequena dificuldade em ler os manuscritos selecionados na Biblioteca Nacional para a análise dos mesmos.

Houve também, em 2010, a reunião do grupo com uma doutoranda e um mestrando orientados pela Eunícia que tinham temas em comum à pesquisa para discutir o papel dos índios e dos jesuítas. Observo que os trabalhos de tais alunos da Pós-Graduação em História Social da Cultura não se restringiam à Capitania do Rio de Janeiro ou ao período em que a pesquisa se foca não se limitando apenas à capitania do Rio de Janeiro. Todos versavam sobre a relação entre índios e não-índios na experiência brasileira. Em novembro de 2011 ocorreu o Seminário **A Companhia de Jesus na América** organizado pela professora Eunícia Fernandes e contou com a ajuda das pesquisadoras. Esse evento também que nos ajudou a ver a atuação da Companhia na América não só no Rio de Janeiro, ver os trabalhos que estão sendo produzidos acerca o tema e dialogar com outros pesquisadores e estudantes. No período de preparação do seminário fiz um levantamento de instituições e cursos no qual poderia ter o tema em comum. No evento, além de participar de algumas palestras também fiquei responsável por recepcionar as pessoas.

Além dos textos lidos e discutidos por todos, fiz e apresentei alguns fichamentos, que dentre eles destaco: (1) *Educação na colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos* de LC. Villalta, (2) *Jesuítas e medicinas no Brasil colonial* de Daniela Calainho, (3) *Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI* de Fernando Torres Londoño e (4) *Engenho e temperamentos nos catálogos e no pensamento da Companhia de Jesus nos séculos XVII e XVIII* de Marina Massimi. E também produzi mais três resenhas referentes ao meu sub-tema, que foram: (1) *Os jesuítas no Brasil dos Felipes: Encontros e desencontros de uma ordem plural* de Breno Santos, (2) *As estratégias lúcidas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597), “para a maior glória de Deus”* de Yara Kassab e (3) *A correspondência jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)* de Elda Lima.

Com a dificuldade em selecionar um documento que me agradasse, escolhi uma carta de Manuel da Nóbrega para a produção de um artigo referente ao Colégio do Rio de Janeiro. O documento analisado é uma carta de Nóbrega escrita ao Padre Simão Rodrigues – então Provincial de Portugal – escrita no final do mês de agosto de 1552, um pouco mais de três anos depois da chegada do missionário na Capitania do Brasil. O documento, além de ser encontrado em manuscrito na Biblioteca Nacional, também pode ser visto no livro de Serafim Leite: *Cartas do Brasil e mais escritos do Padre Manuel da Nóbrega*.

Falando agora um pouco do autor da carta, Manuel da Nóbrega nasceu em 1517 em Portugal e estudou humanidades nas universidades de Salamanca e de Coimbra, onde se formou em 1541. Em 21 de novembro de 1544, Manuel da Nóbrega, agora já Padre, ingressa na Companhia de Jesus, onde assume, em Portugal, o cargo de Procurador dos Pobres, onde fazendo peregrinações por Salamanca, Santiago de Compostela e outras cidades por Portugal. Tempos depois foi nomeado pelo então

Provincial de Portugal chefe da Missão do Brasil, tornando-se seu fundador onde permaneceu por toda a sua vida. Manuel da Nóbrega saiu de Lisboa, na armada de Tomé de Sousa, em 1º de fevereiro de 1549 com destino as colônias da América portuguesa a mando de D. João III – que queria que no Brasil houvesse padres da Companhia de Jesus consagrados à conversão do Gêntio como ocorria na Índia.

Logo após o seu desembarque já em terras novas em 29 de março de 1549, o P. Manuel da Nóbrega, junto com Padres e Irmãos, começou a botar em prática a conversão do gentio e a educação de meninos, e para uma melhor conversão o missionário funda a Casa do Nome de Jesus, em 1550. Apenas dez anos depois, que Nóbrega vai fundar o Colégio do Rio de Janeiro, e ser nomeado o Primeiro Provincial do Brasil, cargo que ocupou por sete anos.

Com traços evangelizadores, a principal preocupação do Padre Manuel da Nóbrega era a conversão do gentio. Em sua carta, o jesuíta apresenta a Simão Rodrigues, esse tópico como uma das suas principais preocupações, é para a que isso pudesse ser feito ele vê a necessidade de criar casas de ensino para a melhor conversão e a importância de se doutrinar principalmente as crianças indígenas, para um maior sucesso da propagação o cristianismo. Aqui podemos ver uma das tantas outras estratégias usadas pelos jesuítas para que a conversão do gentio fosse bem sucedida.

### **Conclusão**

Nesses dois anos de pesquisa pude aprender mais sobre o ofício do historiador e também me ajudou a me inserir mais no meio acadêmico. Seja nas pesquisas para realizar a cronologia ou fazendo levantamentos na Biblioteca Nacional e de teses acerca o tema. A dificuldade em encontrar documentos específicos sobre o colégio na mesma instituição me ajudou a ampliar o meu leque de descritores, e com as dificuldades – já superada – na leitura desses documentos pude perceber a evolução do meu aprendizado, e é um resultado que amplia a minha formação de historiador/pesquisador, além das leituras e das discussões apresentadas no grupo. Pude ver também que o grupo ampliou as minhas perspectivas acerca o tema da colonização.

Pertencer ao grupo de pesquisa e analisar o Colégio do Rio de Janeiro como um dos meios para consolidar o projeto missionário, me ajudou a pensar na minha monografia quando à reflexão de outros artifícios para validar a cristianização no mundo português. Para isso recorro à atuação dos jesuítas atuando junto a Coroa no Japão e como o martírio de missionários e novos cristãos legitimava o caráter evangelizador da Companhia de Jesus.

### **Referências:**

- CALAINHO, Daniela Buono. "Jesuítas e medicina no Brasil colonial", In: *Tempo* [online]. 2005, vol.10, n.19, pp. 61-75. ISSN 1413-7704.
- FERNANDES, Eunícia Barros Barcelos. *Futuros Outros: Homens e Espaços – Os Aldeamentos Jesuítas e a Colonização na América Portuguesa*. Tese (Doutorado). Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, 2001. 227p.
- FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro Colonial: Antologia de Textos (1531-1800)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei: uma história da cidade do Rio de Janeiro*. 2 ed. Jorge Zahar Editor.

- KASSAB, Yara. *As estratégias lúcidas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597), "para a maior glória de Deus"*. 241p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- LEITE, Serafim. *Breve Itinerário para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega, fundador da província do Brasil e da cidade de São Paulo (1517-1570)*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955.
- \_\_\_\_\_. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.
- LIMA, Elda Cassia de. *A correspondência jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2010.
- LONDOÑO, Fernando Torres. "Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI." *Rev. bras. Hist.* [online]. 2002, vol.22, n.43, pp. 11-32. ISSN 1806-9347.
- NÓBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955.
- SANTOS, Breno Machado dos. *Os jesuítas no Brasil dos Felipes: Encontros e desencontros de uma ordem plural*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. 123p.
- VILLALTA, LC. "Educação na Colônia e os Jesuítas: Discutindo Alguns Mitos", In: *À margem dos 500 anos: reflexões irreverentes*, 2002 - EdUSP.

## Anexos

**Anexo (1): Fichamento:** VILLALTA, LC. "Educação na Colônia e os Jesuítas: Discutindo Alguns Mitos", In: *À margem dos 500 anos: reflexões irreverentes*, 2002 - EdUSP. Disponível em:  
<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/aeducacaonacoloniaeosjesuitasdiscutindoalgunsmi tos.pdf>

### Localização do autor

Possui graduação em Bacharelado Em História pela Universidade de São Paulo (1984), graduação em Licenciatura Em História pela Universidade de São Paulo (1984), mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (1993) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1999). Tem pós-doutorado pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, sob a supervisão do Professor Rogério Fernandes e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris, sob a supervisão de Roger Chartier, supervisor geral do estágio pós-doutoral desenvolvido nas duas citadas instituições com bolsa da CAPES. Atualmente é professor associado i da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: bibliotecas - leitura - livros - Brasil colônia, libertinagem - inquisição - Brasil-portugal, Brasil - d. João VI - Carlota - corte, romance - Brasil colonial - leitura - circulação e Brasil - colônia - ensino - site.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4794833U1>

### Argumento do autor

O autor tem como principal objetivo fazer um questionamento acerca das conclusões que a historiografia chegou sobre os jesuítas, classificando-os como obscurantistas; e faz também um estudo sobre a educação na América portuguesa, patrocinada pelos jesuítas.

### Resumo de Conteúdo

“A história da educação na América Portuguesa, segundo o consenso dos historiadores, pode ser dividida em duas fases: antes e depois da expulsão dos jesuítas em 1759. Tal expulsão é um episódio das Reformas Ilustradas, promovidas pela Coroa portuguesa a partir de 1750, e constitui o marco inicial das reformas educacionais patrocinadas pelo Marquês de Pombal e continuadas após sua queda. A partir desta divisão em dois períodos, a historiografia tem chegado a algumas conclusões sobre os jesuítas e sobre as reformas educacionais, conclusões estas que, de alguma forma, implicam apresentar os jesuítas como obscurantistas...” p.1

### *Os Inacianos, anti-cientificistas?*

“A Companhia de Jesus desenvolveu uma prática educativa muito resistente à mudança. Os colégios ofereciam o ensino das primeiras letras (doutrinação cristã, contar, ler, escrever e falar português ou espanhol), ao qual se sucedia o plano de estudos

denominado *Ratio Studiorum*, abrangendo o correspondente aos atuais níveis fundamental, médio e superior.” p.2

“O curso de Letras, com duração estimada de dez anos, compunha-se pelo ensino das disciplinas de Gramática, Humanidades e Retórica e de cursos complementares, todos eles dedicados principalmente ao estudo da língua latina, aprendendo-se simultaneamente, a partir da mesma, o grego. (...) O objetivo do curso de Letras era permitir a aquisição de uma expressão oral e escrita, elegante e correta, erudita, de eloquência persuasiva na língua latina.” p.3

“Ao curso de Letras sucedia o de Filosofia ou Artes, com duração de três anos e sete meses. Do século XVI a meados do seguinte, o curso de Filosofia atendeu basicamente a pessoas que desejavam ingressar na carreira eclesiástica, fosse na Companhia de Jesus, fosse como clérigo secular.” p.3

“O Curso de Teologia era o de maior nível nos colégios jesuíticos. Normalmente era acompanhado apenas pelos que desejavam abraçar ou que pertenciam ao estado eclesiástico. Tinha a duração de quatro anos...” p.3

“Uma atividade era característica da pedagogia escolar jesuítica em todos os seus níveis: a disputa oral. Os alunos eram divididos em grupos, cabendo a cada um desses interrogar aos demais sobre as matérias em estudo. (...) A pedagogia escolar jesuítica, de um modo geral, possuía algumas características básicas. Além de envolver estudos e métodos de ensino assentados fundamentalmente na repetição e imitação dos textos clássicos, latinos e gregos; de ser prisioneira da orientação religiosa, contrapondo-se, em parte, ao espírito científico nascente, caracterizava-se por voltar-se para a elite, constituindo-se como um elemento de distinção dessa mesma elite no interior da sociedade, um ornamento para as camadas superiores da sociedade.” p.4

“... a incorporação do ensino do Tupinambá foi a única concessão que se fez à realidade americana.” p.4

“Nos colégios jesuíticos e na Universidade de Coimbra, o autor fundamental era Aristóteles. Esse e São Tomás de Aquino constituíam objeto de defesa cautelosa nos colégios...” p.4

“A dialética de Aristóteles confundia-se com sua tópica e constituía a ‘base da árvore dos saberes’(...). A tópica era um método de raciocínio assentado numa lógica da argumentação cuja ordem era a seguinte: primeiro, a *proposição-problema*, etapa inicial em que se apresentava uma proposição que, ao mesmo tempo, se convertia em problema; num segundo momento, o dos *tópicos*, o dialético pesquisava os pontos de vista sob os quais podiam ser analisados os problemas; na etapa seguinte, dos *argumentos / razões*, aquele reunia os argumentos encontrados na pesquisa favoráveis a uma ou outra solução; depois, na *ponderação das razões*, o dialético avaliava as soluções; e, por fim, na última etapa, da *solução mais provável*, optava-se pela solução mais provável.” p.5

“Os jesuítas estiveram a par da revolução científica...” p.6

“A divulgação dessas novas idéias pelos inicianos, porém, foi restrita.” p.6

“No geral, entretanto, os inicianos mantiveram todo este saber restrito ao seu uso privado, ao consumo dos seus pares...” p.6

“Essa tolerância relativa dos jesuítas face a algumas inovações científicas possivelmente ligava-se à influência que o probabilismo exerceu sobre eles. Doutrina casuística cujo advento pode ser situado na segunda metade do século XVI, o probabilismo discorre sobre as situações particulares em que existe uma incerteza sobre a aplicação de regras morais...” p.6

“A ‘liberdade’ e o ‘pluralismo’ consagrados pelo probabilismo parecem ter sido exercitados pelos jesuítas em relação ao heliocentrismo de Copérnico e Galileu. Assim, o padre Cristóvão Bruno, professor de esfera no Colégio de Santo Antão, por volta de 1625, divulgava a teoria heliocêntrica, mas a refutava em vários pontos.” p.7

“... o probabilismo lhes permitia, no caso de se defrontarem com duas hipóteses contrárias, acomodar-se àquela que mais atendesse às suas necessidades.” p.7

#### *Os jesuítas e o poder político: a serviço do absolutismo?*

“O ensino jesuítico, além de associar-se à tópica aristotélica, era um dos baluartes das concepções corporativas de poder da Segunda Escolástica.” p.8

“Tais concepções, derivadas em parte da reinterpretação dos escritos de São Tomás, repudiavam o maquiavelismo e as heresias luteranas.” p.8-9

“Para São Tomás, a esfera humana circunscrever-se-ia na esfera divina, sendo Deus a fonte primeira do direito e do Estado. O Estado, porém, surgiria de um ‘pacto social’, através do qual o povo, enquanto comunidade, detendo o poder derivado de Deus, buscaria realizar o ‘bem comum’...” p.9

“O Estado seria, assim, um ‘corpo místico’ — isto é, *pactum subjectionis*, ‘unidade de uma vontade coletiva que se aliena do poder e o transfere para a ‘pessoa mística’ do Rei, que se torna a ‘cabeça’ do corpo político do Estado subordinado, submetido ou súdito’ —, exigindo a articulação das diversas forças existentes. O papa constituiria a única entidade que representa Deus e o seu poder espiritual...” p.9

“Aspecto crucial a ser considerado nas teorias de poder dos tomistas é a existência de perspectivas democráticas, *avant la lettre*, convivendo com opiniões favoráveis ao absolutismo. Os teóricos tomistas, por um lado, abraçavam uma perspectiva contratualista para explicar a origem da instituição do poder político, chegando por isto a admitir, em certos casos, a insurgência do povo-comunidade contra seus soberanos.” p.10

“... o poder pertenceria naturalmente ao povo-comunidade, que o transmitiria ao governante de uma forma que ele não deixaria de existir em si; o povo conservaria o poder *in habitu*, podendo readquiri-lo em certas circunstâncias definidas com clareza nos documentos e nos costumes. Porém, isso não significava que, para Suárez, o rei estaria sujeito ao povo-comunidade no *exercício do poder*.” p.10



“A retomada do poder do rei pelo povo, contudo, era admitida (...) nos casos em que o rei viesse a se tornar tirânico ou herético (deixando de ser católico), contrariando o direito natural e divino, desrespeitando determinados fundamentos ético-religiosos”. p.10

“... os tomistas postulavam “a origem ‘popular’ do poder régio, que o ‘povo’ poderia, com a aquiescência papal, depor o rei herético, e defendiam, em certas condições, até mesmo a legitimidade do regicídio”. E exatamente neste ponto residia a objeção que faziam a Maquiavel: não se tratava de uma repulsa ao absolutismo, mas de oposição à ameaça de tirania. O Estado era concebido, enfim, pelos neotomistas como “um todo ordenado em que as vontades da coletividade e do príncipe se harmonizam à luz da lei natural e no interesse da *felicitas civitatis* ou bem comum”. Esta concepção, embora não fosse refratária ao absolutismo, impunha-lhe limites: fazer o bem comum e a justiça, seguindo a religião católica e obedecendo à lei natural (e, por conseguinte, à divina)”. p.11

*Em conclusão: o obscurantismo jesuítico é um mito?*

“Analisando a pedagogia jesuítica, bem como a teoria política por eles forjada, vê-se que não se pode classificá-los de modo taxativo como obscurantistas. Se o edifício pedagógico que erigiram, por um lado, caracterizava-se pela oposição ao espírito científico emergente, apegando-se à repetição e à autoridade dos escritos de Aristóteles e São Tomás, refutando o experimentalismo, e, ainda, com sua orientação universalista não fazia concessões às especificidades coloniais, à exceção do ensino da língua geral, por outro lado, não se encontrava alheio às descobertas científicas e permitia, graças ao probabilismo, um certo pluralismo na compreensão dos fenômenos observados ou experimentados. Além disso, as teorias corporativas de poder que tiveram nos jesuítas seus principais artífices e propagadores, se não hostilizavam o absolutismo nem refutavam a origem divina do poder régio, longe de estabelecerem uma transmissão direta do poder de Deus ao Rei, concebiam a mediação da comunidade, delegando-se a essa o direito de rebelar-se caso o poder se tornasse tirânico”. p.11-12

### **Conceitos Utilizados**

Pedagogia, obscurantismo, probabilistas, probabioristas, bem-comum, Estado, Aristóteles, educação, jesuítas, absolutismo.

### **Interlocutores**

Azpilcueta Navarro – jurista espanhol

Francisco Suárez – jesuíta espanhol

Juan de Marina – jesuíta espanhol

Roberto Belarmino – cardeal italiano

Luís Antônio Verney – ilustrador português

**Anexo (2): Fichamento:** LIMA. Elda Cassia de. *A correspondência jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Goiás, 2010.

### **Localização da obra e do autor:**

Licenciada e bacharelada em História pela Universidade Federal de Goiás, Elda Cassia de Lima possui mestrado em História pela mesma universidade. Obteve o título de mestre com a dissertação *A correspondência jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)* em 2010 e foi orientada pela Professora Doutora Fabiana de Sousa Fredrigo.

### **Argumento fundamental:**

A autora tem como objetivo em analisar em como as formas atuação da Companhia de Jesus junto aos índios na América portuguesa, e como essa ação foi crucial na história de dois povos (os gentios e os europeus). É por meio das cartas do padre José de Anchieta que Elda Lima vai examinar o papel dos jesuítas em evangelizar, classificar e informar acerca o novo mundo. Tornando-se os olhos europeus na América, as cartas dos missionários jesuítas vão contribuir para a construção de um discurso de inferiorização da alteridade, que vai se retomado pelos iluministas do século XVIII.

### **Resumo do conteúdo:**

#### **Introdução**

#### **Capítulo I - Evangelizar: as escolhas para América**

1. A alteridade e a missão apostólica na América: indícios
2. Pecados: o difícil processo de extirpação dos costumes errôneos
3. Pedagogia: percursos missionários
4. Incorporação ou resistência
5. Da esperança à desilusão: o processo de salvação das almas

#### **Capítulo II - Classificar: jesuítas e iluministas pensando a alteridade**

1. Os jesuítas e a alteridade indígena
2. A polêmica sobre o novo mundo
3. Visões de América: uma análise historiográfica

#### **Capítulo III - Informar: a importância prática da escrita e o papel da disciplina no epistolário jesuíta**

1. A Companhia de Jesus e a missão de informar
2. De missionários a mártires

### **Considerações Finais**

#### **Conceitos:**

- Jesuítas
- Alteridade
- Cartas

- Selvagem
- Pecado
- Iluministas
- Evangelização

**Interlocutores:**

- François Hartog
- Fernando Torres Lodoño
- John Manuel Monteiro
- Antonello Gerbi
- Laura de Mello e Souza
- Ronald Raminelli

**Fontes:**

A autora utiliza como fontes um conjunto de cartas escritas por José de Anchieta entre o ano de 1554 a 1596. O volume das cartas que a autora tem como referencia foi publicado por Hélio Abranches Viotti em 1984 com o título: *Cartas, Correspondência Ativa e Passiva*. A obra é composta por quarenta e duas missivas, das quais nove foram recebidas pelo padre José de Anchieta e trinta e três escritas pelo mesmo.

**Posicionamento do Leitor:**

De fácil leitura, Elda Lima consegue nos fazer ver as relações de gentios e missionários, e a lógica de atuação da Companhia de Jesus. Propondo um quadro em que os jesuítas são agentes de evangelização, classificação e de informação, a autora nos mostra diferentes fases na ação missionária e de fácil compreensão, também apresenta uma associação entre o pensamento cristão do século XVI com o pensamento do científico do século XVIII.

**Lugar da obra na pesquisa:**

Focando na missiva de José de Anchieta, *A correspondência jesuítica na construção de um novo mundo: evangelizar, classificar, informar (1553-1596)* acrescenta muito ao estudo na pesquisa. Tendo como principal objeto de estudo os índios e os jesuítas, a dissertação de mestrado ajuda a acrescentar ainda mais as estratégias tomadas pelos missionários no decorrer dos anos para a melhor conversão do gentio e o papel dos gentios.

### **Anexo (3): Resenha**

SANTOS, Breno Machado dos. **Os jesuítas no Brasil dos Felipes: Encontros e desencontros de uma ordem plural**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. 123p.

Nas primeiras páginas da dissertação de mestrado - defendida em 2009 na Universidade Federal de Juiz de Fora por Breno Machado dos Santos - o autor já se propõe a mostrar o objeto de estudo de sua escrita, que nesse caso se consiste em uma análise sobre atuação dos inicianos na Colônia portuguesa na América durante o período em que a União Ibérica (1580-1640) está em vigor. Ao meu ver, o seu foco de análise vai se pautar em uma “crise missionária”,- como o próprio autor classifica - analisando uma mudança na atuação dos jesuítas na Colônia no decorrer dos anos da Era dos Felipes. Desse modo o autor divide sua dissertação em uma *Introdução* e uma *Conclusão* e em três capítulos intitulados: *A ordem e suas relações*, *Modificando a Ordem* e *A crise de um modelo missionário*.

Para construir seu texto, o autor usa fontes históricas de padres jesuítas do século XVI e XVII, e estabelece também um diálogo com a Antropologia. Breno Machado ainda faz uma pequena análise a respeito do progresso que o tema a respeito dos jesuítas e dos índios teve na historiografia brasileira, tendo como principais autores Charlotte Castelnau-L’Estoile, Serafim Leite e John O’Malley.

No primeiro capítulo o autor tem analisa a trajetória da Ordem começando com uma pequena biografia de Inácio de Loyola, descrevendo assim suas principais características desde a sua fundação e de suas importantes relações com a coroa portuguesas, que sempre foram harmônicas. O autor também vai escrever sobre a fundação dos primeiros Colégios jesuíticos da Europa e no modelo que eles se tornaram no ideal missionário não só na América portuguesas mais também em outros territórios portugueses espalhados pelo mundo. Analisa a boa relação dos padres jesuítas com a Dinastia de Avis que buscava a centralização do império por meio da unificação religiosa, a partir de desse apoio da coroa, a Companhia também era apoiada pelos Governadores-Gerais tendo assim um grande prestígio na colônia.

É ainda nesse primeiro capítulo que o autor vai nos familiarizar com os primeiros problemas que a Ordem teve em decorrência da União Ibérica. É no Período dos Filipes que a Ordem encontra as suas primeiras dificuldades no trabalho dos missionários com os gentios, pois já não desfrutavam do mesmo prestígio que tinham com a coroa portuguesa, como escreve o autor: “a Companhia não alcançaria nenhum apoio político e financeiro por parte da Coroa espanhola” (p.26)

No segundo capítulo, Breno Machado dos Santos passa a analisar a atuação jesuítica na América portuguesa já com a presença da Dinastia dos Habsburgos no trono da Espanha e de Portugal. É nesse período que se pode ser visto uma ampla expansão dos colégios no projeto missionário da Ordem. Analisando a presença dos jesuítas nas duas últimas décadas do século XVI, o autor vai se focar mais no surgimento de Colégios e nos aldeamentos na América portuguesa, colocando em pauta a questão de uma troca cultural entre ambos os agentes - jesuítas e índios - chamada de cultura mestiça ou híbrida, abordando a facilidade que os inicianos encontravam para a melhor cristianização, associando o cristianismo ao paganismo indígena. Em relação aos Colégios, o autor analisa a formação de vários desses estabelecimentos no Período dos Felipes, e o que vinha a se um local para melhor conversão dos gentios ia se dedicando mais a educação dos colonos, dando início a uma “crise missionária”.

Já o terceiro e último capítulo gira em torno da “crise missionária” vivida na Colônia no século XVII em decorrência do afastamento de muitos jesuítas no trabalho missionário dos jesuítas nos aldeamentos indígena, dando mais atenção aos Colégios que agora fazia grande parte do cenário da colônia durante a União Ibérica como escreve o autor em relação ao Colégio de Olinda em que dá o exemplo do Colégio de Pernambuco: “cerca de 1/3 dos inicianos ligados ao Colégio de Olinda estava ocupado em missões indígenas (...)” (p.87), desse modo podemos ver que os inicianos passaram a se focar mais nas missões urbanas. O mesmo ocorre com o Colégio do Rio de Janeiro onde os inicianos vão passar a ser voltar exclusivamente para os estudos, assim como ocorre também em São Vicente, onde os jesuítas estão ocupados dando assistência aos colonos.

Nesse mesmo capítulo o autor analisa também o processo de articulação que padres jesuítas tiveram com índios no período das guerras coloniais, suas atuações em meios urbanos e a colaboração para a expansão territorial com projetos “descimento” pra o norte e para o sul da Colônia.

De fácil leitura o autor possibilita o entendimento de todo o contexto dos séculos XVI e XVII na questão missionária da Companhia de Jesus. Acho interessante e válido a retomada e o modo como o autor costura da história dos jesuítas, desde o seu surgimento na Europa até a sua “crise missionária” na América portuguesa, para explicar e se fazer entender por esse novo momento vivido pela Ordem em terras americanas. Apesar de ser visto de forma negativa pelo autor, passando uma idéia de um certo desinteresse dos jesuítas em relação aos índios, vejo que o Período dos Felipes pode ser vista como uma época bastante produtiva para os jesuítas porque há um grande crescimento dos Colégios.

#### **Anexo (4): Artigo: A CRIANÇA GENTÍLICA E A CONSTRUÇÃO DE CASAS DE ENSINO NO PROJETO MISSIONÁRIO DA COMPANHIA DE JESUS**

**Resumo:** Através da Carta de Manuel da Nóbrega do P. Simão Rodrigues em 1552, pretendo analisar por meio desse artigo a prática pedagógica da Companhia de Jesus tendo como pano de fundo a conversão dos gentios. Trago assim, como o principal meio para o sucesso da cristianização do índio, a evangelização das crianças e a construção de casas de ensino para melhor conversão, formando assim soldados de Cristo. Procuo desse modo, analisar o lugar das crianças indígenas na Capitania do Brasil e o papel que elas desempenharam na prática missionária jesuítica.

**Palavras-chave:** Companhia de Jesus, Manuel da Nóbrega, conversão do gentio, casa de ensino, meninos índios.

O documento selecionado foi uma carta do Padre Manuel da Nóbrega escrita ao Padre Simão Rodrigues<sup>2</sup> – que era Provincial de Portugal e confesso do Príncipe herdeiro D. João – escrita no final do mês de agosto de 1552.

Manuel da Nóbrega nasceu em 1517 em Portugal e seu pai Desembargador Baltazar da Nóbrega havia sido Juiz do Fora da cidade do Porto em 1532. Nóbrega estudou humanidades nas universidades de Salamanca e de Coimbra, onde se formou em 1541. Em 21 de novembro de 1544, Manuel da Nóbrega, agora já Padre, ingressa na Companhia de Jesus, onde assume, em Portugal, o cargo de Procurador dos Pobres, onde fazendo peregrinações por Salamanca, Santiago de Compostela e outras cidades por Portugal. Tempos depois foi nomeado pelo então Provincial de Portugal chefe da Missão do Brasil, tornando-se seu fundador e onde permaneceu por toda a sua vida. Manuel da Nóbrega saiu de Lisboa, na armada de Tomé de Sousa, em 1º de fevereiro de 1549 com destino as colônias da América portuguesa a mando de D. João III – que queria que no Brasil houvesse padres da Companhia de Jesus consagrados à conversão do Gentio como ocorria na Índia.

Logo após o seu desembarque já em terras novas em 29 de março de 1549, o P. Manuel da Nóbrega, junto com três Padres: Leonardo Nunes, João de Azpilcueta Navarro e António Pires; e dois Irmãos: Vicente Rodrigues e Diogo Jácome; funda assim, a Missão e a Província da Companhia de Jesus no Brasil.

Pouquíssimos dias depois de chegar ao Brasil, Nóbrega pôs em prática a conversão do gentio e a educação de meninos, e para uma melhor conversão o missionário funda o Colégio da Baía, em 1550, que antes era conhecido como a Casa do Nome de Jesus. Além de fundar a Missão do Brasil, Manuel da Nóbrega também vai fundar o Colégio do Rio de Janeiro, em 1560, e vai ser nomeado o Primeiro Provincial do Brasil, cargo que ocupou por sete anos.

“A ação pedagógico-institucional jesuítica teve seu ponto mais importante nos Colégios da Companhia (...)”<sup>3</sup>. É através da citação de Baêta Neves que podemos ver a importância dos colégios para a Companhia de Jesus. Mas, como e porque surgiu essa

---

<sup>2</sup> Esse documento também pode ser encontrado no livro de Serafim Leite: *Cartas do Brasil e mais escritos do Padre Manuel da Nóbrega*.

<sup>3</sup>NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. p.90.

preocupação em formar casas de ensino para apreender a ler e a escrever? E qual as estratégias para a melhor conversão do gentio?

Datada de fins de agosto de 1552, a carta analisada é escrita um pouco mais de três anos depois da chegada do missionário junto com a armada de Tomé de Souza à América portuguesa, e vai apresentar uma dentre tantas outras estratégias tomadas pela Companhia para converter os gentios da terra. Tomando como exemplo essa carta de Manuel da Nóbrega, pode-se dizer que, segundo Londoño:

“(...) teria sido produzida com o propósito claro de edificar, na expressão ascética da época, que apontava para as ações que serviam para manifestar a presença divina, estimular a Fé do próximo e infundir piedade. As cartas estavam determinadas pela sua função, seus destinatários e objetivos particulares.”<sup>4</sup>

As cartas eram parte importante do projeto missionário que os jesuítas estavam construindo no além-mar, e elas, de acordo com Londoño, eram uma forma privilegiada de comunicação dos jesuítas com os seus superiores distantes:

“(...) informando, consultando, opinando, discordando, assinalando sua disposição a obedecer. Era também por cartas que o governo geral, os provinciais e os reitores de colégio transmitiam suas decisões, envios e destinos aos súditos que se encontravam longe.”<sup>5</sup>

O trabalho de catequização e conversão do gentio ao cristianismo destinava-se à transformação do índio em um “homem civilizado”, conforme os padrões culturais e sociais dos países europeus do século XVI, e sendo designados para vir para a América portuguesa a fim de converter os indígenas e tornar a terra cristã, os membros da Companhia de Jesus encontrariam vários os obstáculos à frente a conversão. Como uma forma de passar por essas barreiras, Manuel da Nóbrega vai se dedicar a conversão do menino gentio e a construção de casas de ensino para a melhor conversão dessa gente da terra.

O documento analisado se encontra no período classificado por Serafim Leite de evangelizador<sup>6</sup>, onde a principal preocupação do Padre Manuel da Nóbrega era a conversão do gentio, em sua carta de agosto de 1552, o jesuíta apresenta a Simão Rodrigues, esse tópico como uma das suas principais preocupações, e para a melhor conversão, o jesuíta idealiza a construção de casas de ensino por todo o território, como ele escreve:

“Cassas de mininos nestas partes são muito necessarias (...). Agora veja V.R. e dê conta disto mui larga a Nosso

---

<sup>4</sup>LONDOÑO, Fernando Torres. “Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI.” *Rev. bras. Hist.* [online]. 2002, vol.22, n.43, p.2.

<sup>5</sup>LONDOÑO, Fernando Torres. “Escrevendo Cartas: Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI.” *Rev. bras. Hist.* [online]. 2002, vol.22, n.43, p.11

<sup>6</sup>Serafim Leite em sua obra: *Cartas do Brasil e mais escritos* de 1955 divide o período que Nóbrega esteve no Brasil em duas partes: (1) o primeiro período, chamado pelo autor de evangelizador, começa com a chegada do padre em 1549 e se estende até o ano de 1559 e (2) o segundo período, chamado por Serafim de estadista, começa em 1559 e vai até a data de sua morte, em 1570. [VER PÁGINA]

Senhor e mande-nos o que façamos desta casa e das outras”<sup>7</sup>

Formar soldados de Cristo era o principal objetivo na criação de novas casas de ensino, era aqui o lugar onde Deus era conhecido. A primeira “casa de meninos” fundada no Brasil foi a Casa do Nome de Jesus em 1550, que em 1552 adquiri o nome de Colégio dos Meninos de Jesus. O surgimento de casas de ensino não era uma tática voltada apenas para a América portuguesa, assim, seguindo o exemplo da Índia e de outras localidades, como escreve o jesuíta:

“(…) vendo que na Índia isso mesmo se pretende e em outras partes, muitos collegios em que se criem soldados de Christo. Comfirmou isto mandarem de lá meninos, os quais, como não fosse[m] pera este fim e pera darem principio há casa, não ser pera que quá erão.”<sup>8</sup>

Nóbrega dá muita importância à criação de “casas de meninos” na América portuguesa, aqui pode ser vista a preocupação do missionário em construir outras casas de ensino na capitania, para que assim, pudessem criar soldados de Cristo. Para auxiliá-los no trabalho de conversão, meninos órfãos de Lisboa e que já tinham uma experiência com o Colégio de Coimbra, foram designados a essas localidades; e viviam juntos com crianças indígenas e mamelucas<sup>9</sup>, a construção de Colégios e a prática educacional sempre estiveram fortemente presente na prática missionária jesuítica, isso possibilitava “necessidade de formar homens capazes de perpetuarem a ordem.”<sup>10</sup>

Assim, como para a melhor conversão do gentio é preciso criar “casa de ensino”, Manuel da Nóbrega dá muita importância a doutrina de crianças indígenas, para que fosse alcançado um maior sucesso na propagação do cristianismo. No início da carta ele explica:

“Já tenho escripto por vezes a V.R. como nestas partes pretendiamos criar meninos do gentio por ser elle muito e nós poucos, e sabermos-lhe mal falar em sua lingua, e elles de tantos mil anos criados e abituados em perversos costumes. E por este nos parecer meio tao necessario há conversão do gentio, trabalhamos por dar principio a cassas que fiquem pera emquanto o mundo durar (...)”<sup>11</sup>

A preferência por ensinar crianças, se dá porque elas vão ser o principal sujeito da atuação jesuítica já que elas ainda estão isentas da dominação do demônio, não se via oposição ao que os padres ensinavam. Assim, o projeto catequético era uma luta direta

---

<sup>7</sup>NÓBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. p. 143

<sup>8</sup>NÓBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. p. 139

<sup>9</sup>SANTOS, Breno Machado dos. *Os jesuítas no Brasil dos Felipes: Encontros e desencontros de uma ordem plural*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009. p. 53-54

<sup>10</sup>FERNANDES, Eunícia B. Barcelos. *Futuros Outros: homens e espaços: os aldeamentos jesuíticos e a colonização na América portuguesa*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2001. p. 17

<sup>11</sup>NÓBREGA, op.cit., p. 139



contra esse mau, cujo ataque predileto era direcionado aos adultos que cultivava maus hábitos – que eram vistos no canibalismo, na bebedeira, na poligamia, na nudez e outros<sup>12</sup> – aos olhos dos padres jesuítas. Assim Baêta neve escreve:

“(…) a criança seria a imagem a imagem ideal do indígena já que o indígena é a infância da humanidade e os ‘Novos Mundos’ são a infância do ‘mundo’. A criança indígena seria, pois, uma infância da infância na infância (geografia do mundo)”<sup>13</sup>

Essas crianças seriam também facilmente atraídas a nova religião, elas teriam uma resistência aos maus costumes que os adultos preservavam, assim, seriam capazes de transformar os maus costumes dos seus ancestrais e influenciar os adultos a uma vida cristã e sem pecados. Escreve Marcos Roberto de Farias:

“A criança era um investimento mais seguro, já que o inimigo a ser combatido em terras brasileiras não era a heresia, mas ‘os costumes diabólicos’, e quanto mais jovem fosse aquele a quem se ensinava, menos arraigados estariam estes.”<sup>14</sup>

E além de serem instrumentos de mediação entre os padres e os índios adultos, esses meninos índios são também agentes “socializadores dos pais e a esperança de uma ‘inscrição perfeita’ da cultura ‘ocidental’ na folha virgem que é a cultura indígena”<sup>15</sup>. A ajuda de meninos era fundamental instrumento no sacramento das confissões<sup>16</sup>, assim eles também propagavam a doutrina na aldeia e principalmente, ajudavam a evangelizar os pais.

Na carta, Nóbrega também apresenta um aumento no número de estudantes no colégio, conseguem produzir o seu próprio sustento, já que o colégio tinha uma horta a qual produzia o alimento para o estabelecimento e os padres também ajudam os órfãos de Portugal. Ele escreve:

“Tenho principiado casas pera os meninos conforme a terra. Até agora passamos muito trabalho por os manter; já agora, que os mantimentos se vão comendo vai a casa em muito crescimento e os meninos tem o necessario cada vez melhor; de maneira que donde antes com muita fortuna mantínhamos a sete ou oito, agora mantem a casa a sinquoente e tantas pessoas sem ho sentir.”<sup>17</sup>

Outro tema que o padre jesuíta apresenta é o seu descontentamento quanto ao Bispo Visitador D. Pedro Fernandes, que apresenta algumas criticas quanto à maneira

---

<sup>12</sup>FARIA, Marcos Roberto de. “As representações de ensino, escola e aluno nas cartas de Manuel da Nóbrega (1549-1559)” In: *Revista HISTEDBR* [online]. Campinas, 2006, n.24, p. 6

<sup>13</sup>NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Rio de Janeiro: 1974. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. p.58

<sup>14</sup>FARIA, op. cit., p.7

<sup>15</sup>NEVES, op. cit., p.59

<sup>16</sup>FARIA, op.cit., p.6

<sup>17</sup>NÓBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. p. 141

que a conversão estava sendo feita. Dentre suas críticas o Bispo proibiu o uso de costumes gentílicos na pregação como o canto e a música indígena, que a conversão do Brasil se faça como na Índia, lugar de onde havia vindo. Ele proibiu também as confissões por meio de interpretes e mandou que os índios aprendessem português, e deviam vir de Portugal homens mais velhos e não mais os órfãos de Lisboa. Todas essas medidas foram rebatidas com desgosto por Manuel da Nóbrega:

“Primeiramente, se se poderão confessar por interprete a gente desta terra não sabe falar nossa lingoa, porque parece cousa nova e não usada em há christandade (...). Há o costume nestas partes de se permitirem os gentios nas igrejas há missa juntamente com os christãos (...). Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são tiros dedicados a idolos, como He cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingoa pello seu toom e tanger seus estromentos de musica que elle [usam] em festas quando matão contrários e quando andão bêbados, e isto pera os atrahir a deixarem os outros costumes esentiais”<sup>18</sup>

A América portuguesa apresentava um cenário único e diferente de qualquer outro lugar que a Companhia já havia vivenciado para isso o tipo de abordagem eram totalmente diferentes entre si. Os jesuítas tinham, como principal característica, como um modo de proceder a flexibilidade e não a rigidez. Desse modo, “Nóbrega situava a conversão mais num plano de costumes; e em costume com outro se vence (...)”<sup>19</sup> e tinha a “ajuda” de crianças gentílicas.

### Fonte

NÓBREGA, Manuel da; LEITE, Serafim. “Ao P. Simão Rodrigues Lisboa [Baía fins de agosto de 1552]”. In: *Cartas do Brasil e mais escritos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. p. 137

---

<sup>18</sup>Idem, p. 145

<sup>19</sup>LEITE, Serafim. *Breve Itinerário para uma biografia do P. Manuel da Nóbrega, fundador da província do Brasil e da cidade de São Paulo (1517-1570)*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955. p. 78

**Anexo (5): Levantamento documentos na Biblioteca Nacional sobre os Colégios da Companhia de Jesus nos séculos XVI, XVII e XVIII.**

<b>Ano</b>	<b>Documento</b>	<b>Arquivo</b>
1549 - 1568	Cartas jesuíticas – Livro de registro das cartas jesuíticas 1549 – 1568. Contém fragmento de uma carta de Manuel da Nóbrega (1549).	I – 02, 06, 119
1557	Manoel da Nóbrega. Cartas do provincial da Companhia de Jesus.	11, 02, 029
1568 – 1673	Livro de tombo das escrituras das coisas pertencentes ao Colégio de S. Sebastião da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro.	MS – 491
1587	Melchior de Cobarrubias. Clave e índice individual do arquivo do colégio da Companhia de Jesus.	I – 16, 02, 012
1595 – 1707	Relação dos colégios fundados pelos jesuítas de 1595 até 1707	I-32,21,015
1608 - 1697	Vários papéis, em sua maioria cartas, do Padre Antonio Vieira, religioso da Companhia de Jesus.	03, 1, 006 – 007
1624 – 1625	Padre Antonio Vieira “Anua da província do Brasil mandada a cidade de Roma ao Geral da	I – 12, 02, 021

	<p>Companhia de Jesus”</p> <p>2- “Anua do Colégio do Rio de Janeiro do ano de 1624 e 1625 mandada a Roma pelo padre Antonio Vieira”</p> <p>6- Anua do colégio da capitania de Pernambuco do ano de 1624 e 1625 mandada a Roma pelo padre Antonio Vieira.</p>	
1631 - 1693	<p>Autoria: Manoel Carneiro</p> <p>Sermão (sic) que purgou o padre Manuel Carneiro, da Companhia de Jesus, no colégio do Rio de Janeiro, em o 2º dia das quarenta horas.</p>	37, 8, 12
22/06/1640	<p>Fundo/Coleção: Morgado de Mateus</p> <p>Escritura de transação, amigável composição e renúncia feita pelos padres da Companhia de Jesus com o povo da capitania do Rio de Janeiro sobre a liberdade dos índios.</p>	MS – 553 (25) D.51
1644	<p>Parecer político que deu Padre Antônio Vieira a El-Rey D. João IV no ano de 1644, sobre o aumento do reino, e que consentisse</p>	I-32,33A,072

	nele os cristãos novos.	
1663	Padre Simão de Vasconcelos. Crônica da Companhia de Jesus do estado do Brasil: o que obtiveram seus filhos nesta parte do Novo Mundo.	MS – 61 (1)
1669 - 1790	Alfabeto dos alvarás, cartas, decretos, leis, ordens, provisões e regimentos reais registrados nos livros 1º e 2º da relação do Rio de Janeiro.	9, 2, 25
1683	Consulta do Conselho Ultramarino sobre s desviarem os índios do serviço dos moradores de Cabo Frio pelos padres da Companhia de Jesus.	15, 4, 16
1687	Convenio pro el pago de los diezmos de los colégios de p. p. de la Companhia de Jesus.	MS-508 (21) DOC.496
1692 – 1765	39 Documentos sobre vários assuntos - Missionários, aproveitamento dos colégios, etc à.	II-30,29,007 n°010]
04/02/1694 – 28/ 01/1695 - 27/01/1716.	Coleção Portugal Cartas e ordens régias dirigidas ao Convento do Carmo, no Rio de Janeiro, tratando de sua relação e	I – 32, 33 A, 029

	cooperação com missões jesuíticas.	
--	------------------------------------	--

	Primeiros religiosos da companhia de Jesus que vieram para o Brasil e fundaram nele igrejas e colégios	II-30,32,016 n°003
	HISTÓRIA da fundação dos colégios da Companhia de Jesus na Bahia e no Rio de Janeiro e suas residências	II-22,09,027

**Anexo (5): Cronologia: Geral Superior Jesuíta, Reitores do Colégio do Rio de Janeiro e Provinciais vinculados à América portuguesa nos séculos XVI, XVII e XVIII**

Século	Geral Superior Jesuíta	Ano	Reitores do Colégio do RJ	Ano	Provinciais Vinculados à América portuguesa		
<b>Século XVI</b>	Inácio de Loyola (1541 - 1556)			1549	Manuel da Nóbrega		
				1553			
	Diego Laynez (1558 - 1565)				1559	Luiz da Grã	
	Francisco de Borja (1565 - 1572)	1567	Manuel da Nóbrega	1570	Antônio Pires		
		1570	Gonçalo de Oliveira	1572	Inácio Tolosa		
	Everard Marcurian (1573 - 1580)	1573	Braz Lourenço	1577	José de Anchieta		
		1576	Pedro de Toledo				
	Claudio Acquaviva (1581 - 1615)				1583	Cristovão de Gouveia	
					1592	Fernão de Oliveira	1587
1594					Francisco Soares	1594	Pero Rodrigues
1594					Fernão Cardim		

Século XVII		1598	Francisco Soares						
		1602	Leonardo Armínio						
		1602	Manuel de Oliveira	1603	Inácio Tolosa (vive-provincial)				
		1604	Domingos Coelho	1604	Fernão Cardim				
		1610	Marcos da Costa	1609	Henrique Gomes				
		1613	Fernão Cardim*						
	Muzio Vitelleschi (1615 - 1645)	1617	Antônio de Matos	1615	Pero de Toledo				
				1618	Dimão Pinheiro				
		1621	João de Oliva	1621	Domingos Coelho				
		1627	Francisco Fernandes						
		1628	Francisco Carneiro	1628	Antônio de Matos				
		1628	Inácio de Sequeira						
		1633	Francisco Carneiro*						
1640	José da Costa	1638	Manuel Fernandes						
Século XVII	Vincenzo Carafa (1646 - 1649)	1646	Simão de Vasconcelos	1645	Francisco Carneiro				
	Francesco Piccolomini (1649 - 1651)	1649	Antônio Rodrigues	1648	Belchior Pires				
	Luigi Gottifredi (1652)	1652	Manuel da Costa	1652	Francisco Gonçalves				
	Goswin Nickel (1652 - 1664)					1655	Francisco Madeira	1655	Simão de Vasconcelos
						1659	Antônio Forti	1658	Baltazar de Sequeira
						1662	Francisco Madeira*	1662	José da Costa
	1663	Francisco Avelar							
	Giovanni Paolo Oliva (1664 - 1681)	1667	Manuel Ribeiro	1669	Francisco de Avelar				
		1670	Simão de Vasconcelos*	1671	José da Costa**				
		1677	Manuel André						
		1678	Jacinto de Carvalhais	1675	José de Seixas				
		1679	Barnabé Soares	1681	Antônio de Oliveira				
	Charles de Noyelle (1682 - 1686)	1683	Jocobo Cócleo	1684	Alexandre Gusmão				
		1685	Domingos Barbosa			1688	Diogo Machado		
	Tirso Gonzalez (1687 - 1705)	1689	Mateus de Moura	1692	Manuel Correia				
1693		Francisco de	1693	Alexandre					

			Matos	1694	Gusmão** (vice-provincial)
				1697	
Século XVIII		1698	Baltasar Duarte	1697	Francisco de Matos
		1701	Manuel Côrtes		
		1702	Estêvão Gandolfi	1702	João Pereira
	Michelangelo Tamburini (1706 - 1730)	1706	Felipe Coelho	1706	João Antônio Andrionio
				1709	Mateus de Moura
		1710	Francisco de Sousa	1713	Estanislau de Campos
		1719	Estêvão Gandolfi*	1719	Estêvão Gandolfi
				1719	Miguel Cardoso
		1720	Manuel Dias	1721	José Bernadino
				1722	Manuel Dias
		1724	Luiz de Carvalho	1725	Gaspar de Farias
		1727	Antônio Cardoso		
	Frantisek Retz (1730 - 1750)	1731	Salvador da Mata	1730	Marcos Coelho
		1736	Luiz de Matos (vice-reitor)	1737	João Pereira
		1748	Tomaz Lynch	1746	Simão Marquês
		Ignazio Visconti (1751 - 1755)	1752	João da Mata	1753
	1753		Marcos de Távola		
	Luigi Centurione (1755 - 1757)	1754	Félix Xavier	1754	João Honorato
	Lorenzo Ricci (1758 - 1775)				
	1759	Manuel Ferraz			

\*Fernão Cardim, Francisco Carneiro, Francisco Madeira, Simão de Vasconcelos e Estevão Gandolfi são nomeados reitores do Colégio do Rio de Janeiro pela segunda vez.

\*\* José da Costa e Alexandre Gusmão são provinciais pela segunda vez.

### Aanexo (6): Aldeamento, Colégio e Fazendas na Capitania do Rio de Janeiro

Século	Ano	Aldeamento	Colégio	Fazendas
XVI	1565		Manuel da Nóbrega pede a Estácio de Sá por intermédio do Padre Gonçalo de Oliveira, terras para a fundação e sustentação do futuro Colégio.	



			El-Rei ordena a Mem de Sá que veja onde se poderá fundar o Colégio	
	1567		A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro foi transferida para o Morro do Castelo	Ocupação dos "Sertões as margens do rio Macacu" (sesmaria de Miguel de Moura) por colonizadores portugueses, dando origem a primeira povoação do recôncavo da Guanabara, no Rio de Janeiro.
	1568	Fundação do aldeamento de São Lourenço, após a doação das terras de Antônio de Marins, provedor da fazenda Real, em benefício de Martim Afonso de Souza-Araribóia.	Provisão definitiva de El-Rei D. Sebastião para a posse das terras do Colégio (tendo o auto de posse sido realizado em 15 de dezembro de 1567 e sendo registrado em 10 de julho de 1568).	
		Presença dos padres Manuel da Nóbrega, Fernão Luiz Carrapeto e Luiz Valente.		
	1571			Doação de Miguel Pereira
	1573		Fundação do Colégio de Rio de Janeiro	
XVI	1573		A chegada do Padre Inácio Tolosa (novo Provincial) em janeiro alargou a influência dos padres na vida social local, nas pregações e no ensino aos filhos dos moradores.	
			Em 03 de fevereiro tem início o curso elementar de ler e escrever e algarismo (encarregou-se do cargo de mestre o Pe. Custódio Pires)	
	1574		Institui-se a primeira classe de Humanidades onde foram matriculados 19 alunos: 5 de casa, 14 de fora	
	1575		Alvará de 20 de fevereiro onde El-Rei ordenava que o governador e o ouvidor-geral fizessem dar e vender tudo o que fosse necessário para as obras do Colégio.	
		Alvará de 20 de março onde El-Rei ordena ao Dr. Salema que aplicasse metade das multas pecuniárias as obras do Colégio.		

	1576		Provisão de El-Rei de 5 de janeiro onde ordenava aos governantes das partes do Brasil, que o rendimento das redízimas daquela terra, fosse tirada a quantia de 2 contos e 200 mil réis, a distribuir do seguinte modo: 1 conto, ao reitor do Colégio do Rio de Janeiro, e o restante, ao Colégio de Salvador, para a sustentação dos padres que viviam nas duas Casas Religiosas.	
XVI	1578	Petição do Padre Antônio Lousada, solicitando a concessão 4 léguas de terras da Banda "d'Além do rio Macacu" para abrigar os escravos que estavam sendo descidos do sertão.		
	1579	Nova petição de terras, pelo Padre Martim da Rocha: petição de sesmaria – mais duas léguas em quadra na Bacia do rio Macacu.		
		Fundação do aldeamento de São Barnabé nestas em terras do Cabuçu.		
	1583		O Colégio conta com 3 cursos: Elementar, Humanidades e Teologia Moral (ou casos de consciência)	
	1584	S. Barnabé se transfere para as Margens do rio Macacu, após doação de terras feita para os índios de S. Lourenço, por causa da petição de Padre Antônio Lousada, em 1578.	O Colégio havia ficado "mais cômodo e formoso", segundo o Visitador, Padre Gouveia. Faziam-se mantimentos: havia roças e habitavam mais de 100 pessoas (entre escravos de Guiné e índios com suas mulheres e crianças).	
	1586	São Lourenço deixa de ser residência fixa dos padres. De 15 em 15 dias, padres do colégio vão aos domingos celebrar missa.		
	1590			Doação de Dona Marquesa Ferreira, das quatro léguas para os jesuítas, que futuramente será a

				fazenda de Santa Cruz.
	1595			É fundada pelos Jesuítas a 19 de maio, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, atual Santuário de Jesus Crucificado, em Porto das Caixas.
XVI	1598		Nova classe de Humanidades.	
				Foi construído em fins do século XVI pelos jesuítas, que eram, na época, proprietários das terras da maior fazenda da região, com a finalidade de ser um colégio. Mas com a expulsão deste em 1759 o prédio foi vendido.
XVII	1604		Restaurada junto com o Colégio, a Igreja se adorna; neste ano a Igreja era decorada com obras notáveis para a época, como o quadro <i>Virgem Mãe de Deus</i> do Ir. Belchior Paulo - pintor da Igreja do Colégio.	
	1605	Índios de S. Barnabé combatem franceses na Ilha de Marambaia.		
	1607		Concluíram-se algumas dependências do Colégio: dispensa, cozinha e refeitório.	
	1612			<p>Construção de uma capela dedicada a santo Antônio, dando origem ao núcleo primitivo da Vila de santo Antônio Sá.</p> <p>O padre Marcos da Costa reitor do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro pede para que se faça um traslado autêntico das terras do Colégio deixadas pela Marquesa Ferreira e sua filha.</p>

<b>XVII</b>	<b>1613</b>			<p>O padre Mateus de Tavares procurador da Companhia de Jesus na capitania do Rio de Janeiro pede ao escrivão Manuel da Rocha que nomeie um piloto de medição para que se faça a medição e demarcação das terras de Guaratiba. No dia 13 de setembro deste ano o escrivão Manuel da Costa, junto com o piloto de medição Antonio Martins da Palma e o procurador da Companhia o padre Mateus de Tavares foram até as terras da Fazenda de Santa Cruz para realizarem a medição e demarcação. Em outubro do mesmo ano 1613 é feita e assinado pelo escrivão Manuel da Costa e o tabelião Jorge de Souza uma cópia da medição das terras e no 17 de outubro de 1613 foi entregue um traslado dessa medição a Francisco Cabral Homem procurador da capitania de São Vicente.</p>
	<b>1615</b>	Índios das aldeias da região de Cabo Frio ajudam na expulsão dos ingleses da área.		
	<b>1616</b>	Determina-se a fundação de uma cidade e um aldeamento na região de Cabo Frio para evitar repetição de ataques estrangeiros.		

XVII	1617	Novembro → Fundação da cidade de Cabo Frio.		O Colégio do Rio de Janeiro através do reitor o padre Fernão de Cardin compra de Manuel e Jerônimo Velloso a sesmaria que estes haviam herdado de seus pais Manuel Velloso de Espinha. As terras foram compradas pelo colégio por um valor de sessenta mil réis em dinheiro contado que o escrivão os fez receber em patacas e meias patacas e moedas de quatro vinténs – moeda corrente do reino de Portugal.
		Dezembro → Repartição da sesmaria para fundação do aldeamento de São Pedro de Cabo Frio, em terras da Lagoa de Araruama.		
	1618	Visita do Padre Antônio de Matos, reitor do colégio do Rio de Janeiro ao aldeamento de São Pedro.		
	1619	Visita do Provincial Simão Pinheiro ao aldeamento de São Pedro de Cabo Frio, levando 500 índios.	Os estudos no Colégio do Rio de Janeiro em relação ao estudo das Humanidades eram expressão de duas classes abertas a todos que queriam aprender latim ou ler, escrever e contar.	
		Primeira aproximação dos jesuítas com os índios Goitacás: Padre João Lobato e Ir. Gaspar Fernandes partem do colégio do Rio de Janeiro e utilizam índios dos aldeamentos de S. Lourenço e S. Barnabé para este contato.		
	1620	Padres trazem 200 “almas goitacás” para o aldeamento de S. Pedro.		
1622			É erguida por João Vaz Pereira a Capela da Fazenda do Iguá, na região que é hoje Venda das Pedras.	
XVII	1624		O Colégio se fortifica após a invasão dos holandeses à Bahia	
	1627	Fundação do aldeamento de São Francisco Xavier.		

	1628	Primeira Expedição do padre Francisco de Moraes, de S. Barnabé ao sertão, para descer índios Carijós (guaranis). Ele desce 400 “almas”, que se situam em Guaratiba (aldeamento de S. Francisco Xavier).		
	1630	403 índios de aldeamentos são repartidos pela cidade para ajudarem na construção e restauração das fortalezas de Santa Cruz e São João.		Doação ao colégio do Rio de Janeiro por Martin Correa.
	1631	Dois padres passam a ter residência fixa em São Francisco Xavier.		
	1635	Quarta expedição de Francisco Moraes ao sertão: mais 200 índios descidos, porém, estes não entram no Rio de Janeiro devido à influência dos índios de São Paulo.		
	1638		Inicia-se no Colégio o curso de Artes e Filosofia.	
	1639		Publicação do Breve de Urbano VII sobre a liberdade dos índios, o que causou tumulto e conflito entre os religiosos da Companhia de Jesus e colonos.	
XVII	1640	Expulsão dos padres jesuítas dos aldeamentos de São Paulo.	Pessoas da cidade à frente do Governador Salvador Correia de Sá e Bebenides, assistem aos atos políticos de filosofia e a colação de grau dos acadêmicos da Cia. De Jesus.	
	1642		Falta de água ao povo da cidade na epidemia da varíola. O Colégio providencia água àqueles que não tinham para distribuí-las gratuitamente.	

	1643		<p>A cidade amplia o seu crescimento e começa a descer o Morro do Castelo para a "várzea marinha". Pensa-se por um instante em mudar o Colégio para baixo, mas isto implicava em abandonar as obras que haviam sido feitas. Assim, o Colégio se manteve até o fim no Morro.</p>	
	1646	<p>O padre Simão de Vasconcellos é reitor do Colégio do Rio de Janeiro, enquanto o padre Francisco Morais é superior do aldeamento de S. Barnabé: Troca de Correspondências &gt; Francisco Morais é aconselhado a permanecer em S. Barnabé para "melhorar os gentios", gerando mudanças no local do sítio para o adequamento dos índios. Ele se queixa em sua correspondência de "índios desordeiros", entre os quais: Balthazar Lobato, Pero Lobato, Crisostemo de Souza, entre outros.</p>	<p>A primeira biblioteca pública do Rio de Janeiro era a do Colégio da Companhia de Jesus. Seu planejamento e organização datam desde o século XVI, mas é no ano de 1643 que a biblioteca provida pelos padres pelo seu amor aos estudos, tinham "cem cruzados" de livros. A biblioteca voltaria a ser restaurada, juntamente com o Colégio, no século XVII.</p>	

		Os padres do Rio de Janeiro, insatisfeitos com o comportamento dos índios, abandonam os aldeamentos: Carta de Francisco Morais ao Geral em Lisboa, na qual diz que “a Companhia deve largar as aldeias dos índios do Rio de Janeiro”, porque os tumultos da capitania de São Vicente faziam os índios do Rio perderem o respeito pelos padres e agirem de maneira grosseira e bárbara.		
	1647	Os aldeamentos de São Barnabé e São Francisco Xavier mudam de lugar, e há determinação régia para que os padres que haviam deixado à capitania devido a conflitos com colonos voltem para os aldeamentos.		
XVII	1648	Chegam ao aldeamento de Cabo Frio os índios Gessaruçus, descidos pelo Padre Francisco Morais.		
		Fundação do aldeamento de Santo Inácio.		
	1649	Os padres voltam para os aldeamentos.		Chegada dos Franciscanos na região do Macacu, iniciando as obras de um recolhimento provisório para abrigá-los.
		Carta de Francisco Morais ao Padre Geral Vicente Garrafa: na qual se queixa do comportamento dos índios e sugere “deixá-los de mão”.		
1651			O tabelião da Capitania Pero da Costa traslada a cópia da compra da sesmaria que foram dos herdeiros de Manuel Velloso Espinha. Para fazer o traslado da compra das terras o tabelião	



				fez uso da certidão de compra de terras que estava em mãos do colégio jesuítico.
	1654			Compra de mais léguas de Tomás Correa de Alvarenga.
	1657	Desdobramento do aldeamento de São Pedro do Cabo Frio em aldeamento de Cabo Frio e aldeamento São Pedro, mas logo depois voltam a ser um só novamente.		
	1658	Medição da sesmaria dos índios de São Lourenço.		
	1660			Construção de novas instalações no Recolhimento provisório para abrigar o noviciado, dando origem ao Convento de São Boaventura.
XVII	1662		O Colégio do Rio de Janeiro era conhecido como o mais próspero do Estado de Brasil - ultrapassando o Colégio da Bahia. O aumento das finanças era investido na ampliação no quadro dos estudos.	
	1672			Inauguração da Capela de São João Batista, por iniciativa de tropeiros, em substituição a antiga capela da fazenda do Iguá, erguida por João Vaz Pereira em 1622.
	1683		Para evitar a subida do Morro do Castelo, sobretudo aos idosos, o Padre Bencio inicia a fundação de uma paróquia na cidade baixa, a confraria de Nossa Senhora da Boa Morte. Também foi alargada e melhorada a rua e a ladeira de acesso ao Colégio, facilitando as comunicações.	
	1689	São Lourenço passa a ter dois padres		

		moradores.		
	1691		O Colégio já dispunha de duas capelas interiores, farmácia, enfermaria com sua capela e uma biblioteca.	
	1692		O Colégio do Rio de Janeiro fica como único encarregado do curso de Filosofia (para a formação dos padres e não dos colonos) - antes também tinha o curso no Colégio da Bahia. Essa medida foi provisória.	
XVII	1693		A botica do Colégio dispunha de medicamento à disposição da cidade para o tratamento da epidemia chamada de "O mal da bicha". O medicamento era oferecido pelo Colégio gratuitamente a todos, principalmente aos pobres.	
	1696			Fundação da Freguesia de São João Batista.
	1697			É fundada, por decreto a 05 de agosto, a Vila de Santo Antonio de Sá, pelo então governador Arthur de Sá e Menezes.
XVIII				Construção de um engenho para a plantação de canaviais.
	1742			É erguida a atual Igreja Matriz de São João Batista (e se estende até 1784)
	1707			A construção da residência (sede) da Fazenda de Santa Cruz tenha começado.
	1751			Conclusão da construção da sede.

XVIII	1752			Os Jesuítas construíram uma ponte sobre o rio Guandu que foram concluídas neste ano e funcionava como uma ponte-represa, dotada de um sistema de comportas que possuía quatro arcos, que podiam ser manejadas para o controle do fluxo das águas, principalmente nos períodos das chuvas mais intensas. Logo após a drenagem do excesso de água plantava-se o arroz nos campos para aproveitar a fertilidade do solo deixada pelos húmus. Enquanto o arroz crescia, os pastos eram preparados nos pontos mais altos e secos, onde se distribuía o gado.
	1759		Ordem de expulsão dos jesuítas de todos os domínios portugueses. Desde a expulsão, o Colégio passa a abrigar o Hospital Militar da Corte.	Os Jesuítas foram expulsos do Brasil por uma decisão unilateral do Marquês de Pombal. A administração da Fazenda passa para as mãos inábeis da Coroa e entra numa fase de declínio e abandono, pois os novos administradores não tinham a capacidade e os conhecimentos dos Jesuítas.
			Colégio de São Sebastião bloqueado e nele recluso os padres da Companhia de por ordem de El-Rei ao conde de Bobadela (Gomes Freire de Andrade).	
1760		Jesuítas retornam a Portugal		
XVIII	1787	Elevação de São Barnabé à categoria de Vila, pelo Marquês do Lavradio, sob o nome de "Villa Nova de São José d'Él Rey" (Esta categoria foi retirada em 1834, pela Assembleia da Província do Rio de Janeiro.).		

**Anexo (7): Localizar disciplinas de pós graduação afins ao tema e que estejam sendo ministradas agora na cidade do Rio de Janeiro (UFF, UFRJ, UNI-RIO, UFRRJ, UNIVERSO, UERJ)**

UNIVERSO

Terras, Escravos e Índios: O Poder Temporal dos Jesuítas na Capitania do Rio de Janeiro - séc. XVIII. **(LINHA DE PESQUISA)**

Seminário Especial: Relações étnicas e sociedade.

Disciplina: A sociedade fluminense do séc. XVII e XVIII Professora: Dra. Márcia Amantino.

Ementa: Buscar-se-á discutir a formação da sociedade fluminense no que tange à sua organização sócio-espacial nos séculos XVII e XVIII, bem como as relações interétnicas ocorridas entre os diferentes grupos sociais. Serão priorizados ainda, os diversos processos de sociabilidades, exclusões, domínios, resistências e acomodações ocorridas ao longo do período proposto levando-se em consideração as diferentes regiões formadoras da capitania e suas economias locais e as relações estabelecidas entre estas e a Metrópole. Serão analisadas também expoentes tradicionais e recentes da historiografia fluminense.

Seminário Especial: História e experiência religiosa

Disciplina: Entre Duas Cidades: discursos e práticas cristãos sobre Direitos Humanos no Brasil Contemporâneo.

Professor: Dr. Marcelo Timótheo

Ementa: Religião e Política no século XX brasileiro: teoria e historiografia. Igreja Católica e modernidade. O catolicismo brasileiro. A eclesiologia liberal cristã e a Teologia da Libertação. Cristianismo e contestação política. Cristianismo e ditadura civil-militar brasileira. Cristianismo e Terra: pela Reforma Agrária e contra o trabalho análogo à escravidão no Brasil. Militância cristã progressista sob o Estado de Direito.

Tópico Especial: Intelectuais poder e instituição no Brasil

Disciplina: Poder e administração colonial na América portuguesa Professora Dra. Marieta Carvalho

Ementa: esta disciplina oferecerá aos alunos um panorama das discussões historiográficas sobre a administração colonial. Os estudos sobre esse tema, que vêm ganhando espaço na historiografia desde a década de 90 do século XX, tratam a administração a partir de uma perspectiva ampliada, que reforçam não apenas as relações com o Estado, como também um ângulo que perpassa o poder em suas dimensões sociais. Interessa ao longo do curso demonstrar essas diferentes balizas que transcorrem a temática atualmente, evidenciando as suas principais características/peculiaridades.

## **Anexo (8): Fichamento**

### **Referência Bibliográfica**

CALAINHO, Daniela Buono. "Jesuítas e medicina no Brasil colonial", In: **Tempo** [online]. 2005, vol.10, n.19, pp. 61-75. ISSN 1413-7704. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042005000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)

### **Localização do autor**

Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1985), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2000) e Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é professor adjunto - procientista (desde 2000) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Coordenadora do Programa de História Social da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Integrante do grupo Companhia das Índias - Núcleo de História Ibérica e Colonial nos Tempos Modernos, contemplado pelo PRONEX desde 2006, sediado na Universidade Federal Fluminense e liderado pelo Prof.Dr. Ronaldo Vainfas. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Inquisitoriais, cadastrado no CNPq. desde 2008. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Moderna e do Brasil Colônia, atuando principalmente nos seguintes temas: inquisição moderna, escravidão, religiosidades populares, história da medicina luso-brasileira.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4786815J4>

### **Argumento do autor**

A autora tem como principal objetivo analisar a ação dos jesuítas na área da saúde no Brasil colônia, mantendo nos colégios boticas com produtos trazidos da Europa e produtos oferecidos pela própria terra. Ações que incorporavam, na medicina, o ideal missionário e educacional dos inicianos.

### **Resumo de Conteúdo**

“Estabelecidos em Portugal, coube aos jesuítas a tarefa missionária e educacional em seus domínios ultramarinos, e sua ação na área da saúde integrou estes ideais, onde quer que se tenham fixado.” (p.62)

“Desbravadores da natureza indômita do Brasil quinhentista (...) os terrores de se viver no Trópico foram também constantemente lembrados. Mas a grandiosidade do projeto missionário de conversão do gentio superaria as inúmeras dificuldades com que se depararam estes clérigos.” (p.63)

“A escassez de médicos leigos, formados por escolas de medicina na Europa, pelo menos até o século XVIII, fez dos jesuítas os responsáveis quase que exclusivos pela assistência médica no primeiro século de colonização do Brasil.” (p.64)

*Boticas e medicamentos*

“Os medicamentos que supriam suas boticas vinham do Reino, mas a pouca frequência de chegada dos navios, as eventuais perdas por deterioração nas embarcações e nos portos e os altos preços obrigaram-nos, ao longo do tempo, a se voltarem para os recursos naturais oferecidos pela nova terra, ajudados pelos conhecimentos dos indígenas na decifração desta natureza estranha.” (p.66)

“Dos Colégios no Brasil, por exemplo, constavam trinta e oito receitas da Bahia, sete do Recife e duas do Rio de Janeiro, a partir das quais é possível levantar alguns dos problemas que assolavam a população colonial: doenças de pele; males venéreos, como a sífilis; verminoses variadas; problemas oculares; anemia; febres; chagas; tumores; dores de cabeça; paralisias; cólicas; males do estômago, do coração e dos ossos; mordidas de cobra; insônias, sem contar, é claro, as enfermidades epidêmicas, como varíola e outras.” (p.67)

### *Desafios*

“A nova colônia americana assistiu à chegada impiedosa de inúmeras moléstias trazidas pelos portugueses e, ainda, pelos escravos vindos de África, (...). Assolada por surtos epidêmicos de doenças como malária, sarampo, febre amarela, disenteria e varíola, contou com a enorme habilidade dos jesuítas na observação dos sintomas, na evolução destas moléstias e na aplicação da terapêutica possível. Todos os aldeamentos indígenas na colônia foram alvo da ação jesuítica na área da medicina e da saúde.” (p.68)

“Um dos grandes desafios enfrentados pelos jesuítas na prática de suas artes médicas foram as epidemias de varíola que devastaram a população ameríndia. (...) foram incontáveis os que pereceram no sertão, fugidos das terríveis condições das regiões litorâneas, à medida que a epidemia se alastrava. Nas aldeias jesuíticas, as perdas foram de um terço e, nos engenhos, a mortalidade foi igualmente devastadora.” (p.70)

“Também implacável foi a epidemia de sarampo, que, em 1563, agravou a crise demográfica indígena, afetando a economia colonial, nestes tempos dependente da mão-de-obra escravizada nos engenhos açucareiros e da produção de gêneros alimentícios nativos.” (p.71)

### *Medicina indígena, pajés demônios*

“À percepção brutalizada e animalesca dos indígenas, associou-se a visão demoníaca, freqüentemente referida nas considerações dos inacianos ao lidar com este outro mundo. Sua habitação era a própria visão do Inferno (...).” (p.71)

“A incompreensão daquele espaço, gigantesco, cuja entrada eram “buracos”, superpovoado, sem distinções de nenhuma espécie, sem ordem, sem hierarquias, sem divisões de tarefas aparentes, sem normas familiares, causou enorme espanto e a certeza de que os aldeamentos, estes sim, território cristão, corrigiriam estas distorções. A ausência de leis, o desconhecimento total de regras, levando-os à exposição de seu corpo nu e à ingestão de outros, eram os responsáveis pelo sentimento de repúdio ao ameríndio.” (p.71-72)

“Outro exemplo do quão intenso foi o olhar demonológico dos jesuítas e de muitos cronistas leigos e eclesiásticos sobre o Brasil está na percepção das práticas mágico-religiosas dos gentios, cujos principais protagonistas eram os pajés, agentes do espaço do sagrado, mas também agentes satânicos.” (p.72)

“Detentores do saber nas comunidades indígenas, o pajé era alvo importante do projeto missionário. Era preciso desmascará-lo, mostrá-lo nos seus embustes e falsidades, apresentá-lo como instrumento demoníaco e também convertê-lo, abrindo espaço para o verdadeiro e único saber, que era do Deus cristão.” (p.72)

### *Cura e catequese*

“Os inacianos viam-se como médicos espirituais e corporais, expressando, assim, uma inequívoca correlação entre a cura dos corpos e a perspectiva da conversão à fé cristã. (...) Anchieta dizia ainda que o batismo ‘apagava a malignidade das doenças’, causando verdadeiros milagres de cura” (p.73)

“De importância fundamental para a catequese, o batismo era o signo por excelência de um novo e verdadeiro nascimento, que não é físico, mas espiritual. Signo da aceitação da conversão e de sucesso, para os missionários, de seu papel de evangelizadores.” (p.74)

“A cura trazida pelo jesuíta, intermediada pelo batismo, era a legítima, proporcionada, em última instância, pelo Deus cristão. A efervescência dos costumes ameríndios, no discurso dos padres da Companhia, poderia ser punida com o castigo divino, por doenças e morte (...).” (p. 74-75)

“Para além do que vinha da farmacopéia europeia e oriental, a natureza brutalizada e violenta do mundo colonial ofereceu aos inacianos ervas, raízes, enfim, os remédios para as curas, auxiliados pelos conhecimentos dos nativos, graças a quem os jesuítas adensaram suas fórmulas e práticas curativas. No entanto, foram estas mesmas práticas que serviram de apoio ao projeto catequético inaciano, projeto aculturador, que, em nome da fé cristã, marcou presença decisiva no mundo colonial.” (p.75)

### **Conceitos Utilizados**

Medicina, projeto missionário, cura, colégios, medicamentos, boticas, batismo, doenças, pajés demônios.

### **Interlocutores**

Padre Antônio Vieira, Padre José de Anchieta, Fernão Cardim, Curvo Semedo

### **Anexo (9): Teses e Dissertações sobre Colégios Jesuíticos na América portuguesa (CAPES)**

2010. KASSAB, Yara. **As estratégias lúdicas nas ações jesuítas, nas terras brasílicas (1549-1597), 'para a maior glória de Deus'**. Tese (Doutorado). Departamento de

História. Universidade de São Paulo. 242p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20109333002010032P9>

2010. PREVATTO, André Junqueira. **Conversão à comunicação: a trajetória do missionário que foi São Francisco Xavier (1542-1552)**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade de São Paulo. 193p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2010433002010032P9>

2010. LIMA, Elda Cassia. **A Correspondência Jesuítica na Construção de um Novo Mundo: Evangelizar, Classificar, Informar (1553-1596)**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal de Goiás. 118p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20101752001016002P0>

2010. SANTOS, Marcelo Tadeu dos. **A majestade do monarca: justiça e graça nos sermões de Antônio Vieira (1653-1662)**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade de Brasília. 178p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20101553001010011P5>

2010. CARDOSO, Vinícius Miranda. **Emblema Sagitado: Os Jesuítas e o Patrocinium de São Sebastião no Rio de Janeiro, Sécs. XVI - XVII**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 173p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2010731002013019P7>

2010. CAMINHA, Viviane Machado. **Arte e Missionaço: o teatro de conversão na América portuguesa (século XVI)**. Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. 111p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20101331004016046P7>

2009. FARIA, Marcos Roberto de. **A educação jesuítica e os conflitos de uma missão: um estudo sobre o lugar do jesuíta na sociedade colonial (1580-1640)**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 314p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20092333005010001P9>

2009. FLECHA, Renata Dumont. **Do pecado pessoal ao pecado social: a solidariedade na reatualização do ensino religioso da companhia de Jesus**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais. 259p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20091732001010001P7>

2009. SANTOS, Breno Machado dos. **Os jesuítas no Brasil dos Filipes: Encontros e desencontros de uma ordem plural**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora. 123p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2009232005016004P1>

2009. SABEH, Luis Antonio. **Colonização Salvífica: os jesuítas e a coroa portuguesa na construção do Brasil (1549-1580)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de História. Universidade Federal do Paraná. 166p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20092540001016009P0>

2009. CANTOS, Priscila Kelly. **A Educação na Companhia de Jesus: Um Estudo**



**Sobre os Colégios Jesuíticos.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade FEstadual de Maringá. 90p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2009740004015004P8>

2008. TEGÃO, Afrânio William. **Os inícios do ensino superior no Brasil Colonial: a formação do professor no século XVI.** SP: Departamento de Educação da UNIMEP, 2008. 138p. (Dissertação de Mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081033007012001P8>

2008. LIMA, Daniela F. C. Forster. **O modelo de homem no Ratio Studiorum.** SP: Departamento de Educação da UNIMEP, 2008. 98 p. (Dissertação de Mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082333007012001P8>

2008. PIER, Iria A. Storer. **Ratio Studiorum, educação e ciência nos séculos XVI e XVII.** SP: Departamento de Educação da UNIMEP, 2008. 131 p. (Dissertação de Mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082233007012001P8>

2008. PEDRO, Lívia Carvalho. **História da Companhia de Jesus no Brasil: biografia de uma obra.** Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal da Bahia. 117p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082028001010022P6>

2008, KIST, Luís. **Os jesuítas no começo do Brasil, guiados pela fé e regidos pela colônia. Dissertação (Mestrado).** Departamento de História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 152p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081142007011001P3>

2008, CRAICE, Luscelma Oliveira Cinachi. **Manuel da Nóbrega e a Companhia de Jesus na sistematização pedagógica no Brasil do século XVI.** Dissertação(Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 222p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20081233005010022P6>

2007. SELINGARDI, Sérgio Cristóvão. **Educação religiosa, disciplina e poder na terra do ouro: a história do Seminário de Mariana, entre 1750 e 1850.** SP: Departamento de Educação da UFSC, 2007. 205 p. (Dissertação de Mestrado.). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20074133001014001P0>

2007. JUNIOR, Oriomar Skalinski. **O caminho dos jesuítas da mística à educação: dos exercícios espirituais ao Ratio Studiorum.** MS: Departamento de educação da UEM, 2007. 114 p. (Dissertação de mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20071940004015004P8>

2007. SOARES, Lênin Campos. **O Padre, o Filósofo e o Poeta: A América de Simões de Vasconcelos.** Dissertação (Mestrado). Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 162p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2007623001011038P2>

2006. NETO, Sady Carnot Nunes. **O Mito Cristão contra Guaixará e os outros diabos. "Educação e conversão Século XVI e XVII"**. Tese (Doutorado). Universidade Metodista de Piracicaba. 244p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2006533007012001P8>
2005. JUNIOR, Almir Diniz de Carvalho. **Índios Cristãos – A Conversão dos Gentios na Amazônia Portuguesa**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. 402p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20053033003017019P9>
2005. COSTA, Carlos A. Santos. **A influência do Colégio dos Jesuítas na configuração da malha urbana de Salvador-BA (1549-1760)**. PE: Departamento de Arqueologia da UFP. 153 p. (Dissertação de mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2005125001019059P5>
2005. FARIA, Marcos Roberto. **As Representações de Escola, Ensino e Aluno nas Cartas de Manoel da Nóbrega, José de Anchieta e Brásquez**. SP: Departamento de educação da PUC-SP, 2005. 170 p. (Dissertação de mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200542733005010001P9>
2004. PINTINHA, Marcos Eduardo. **Catequese e educação na obra do padre José de Anchieta**. MS: Departamento de educação da UEM, 2004. 120 p. (Dissertação de mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200414040004015004P8>
2003. COLARES, Anselmo Alencar. **Colonização, catequese e educação no Grão-Pará**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas. 205p. Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20032035533003017001P2>
2002. CASIMIRO, Ana P. B. Santos. **Economia Cristã dos senhores no governo dos escravos: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial**. BA: Departamento de Educação da UFB, 2002. 466 p. (Tese de Doutorado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200223828001010001P9>
2002. DIAS, Geraldo Aparecido. **A Pedagogia Jesuítica: Uma leitura do Ratio Studiorum**. SP: Departamento de educação da UNIMEP, 2002. 88 p. (Dissertação de mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=200236233007012001P8>
1999. MENEZES, Maria Cristina. **Raízes do ensino brasileiro: a herança clássico-medieval**. SP: departamento de educação da UNICAMP, 1999. 200 p. (Tese de Doutorado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=199928733003017001P2>
1987. CORTES, Sílvia Silva. **Cultura tutelada uma visão patrimonialista da cultura luso brasileiro**. PE: Departamento de história da UFP, 1987. 175 p. (Dissertação de Mestrado). Resumo disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=1987425001019015P8>

**Anexo (10): Cada aluna ficará responsável por uma ANPUH (Nacional e Regional) e vasculhará trabalhos apresentados que se conectem DIRETAMENTE à nossa pesquisa.**

### **Regional 2010 - Cynthia**

*Camila Corrêa e Silva de Freitas*

#### **Falar do passado para agir no presente: a Chronica de Simão de Vasconcelos**

Em 1663, saía da oficina de Henrique Valente de Oliveira, a Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, de autoria do padre jesuíta Simão de Vasconcelos. Obra de gênero literário comum à época, a crônica narra o estabelecimento da missão jesuítica nas primeiras décadas de presença dos religiosos da Companhia no Brasil. Seguindo os padrões do texto cronístico seiscentista, Vasconcelos apresenta ao leitor os episódios em linha cronológica, caracterizando os lugares onde a ação ocorreu e seus personagens, e articulando o estabelecimento dos jesuítas ao estabelecimento dos próprios portugueses no Brasil. A análise desta obra, contudo, só se torna interessante quando relacionamos a construção de determinada memória histórica das ações da Companhia no Brasil, articulada à certa memória do estabelecimento luso, às dinâmicas políticas em que os jesuítas estiveram diretamente envolvidos em Portugal e no Brasil em meados do século XVII. Publicada durante o governo de um rei contrário à atuação dos padres e logo após a expulsão da Companhia de Jesus do Maranhão, a Chronica de Vasconcelos serviu de instrumento de intervenção em um intenso debate político, por vezes velado, cujo ponto central era o alcance da atuação política dos jesuítas na América Portuguesa.

Carlos Engemann

A Fazenda de Campos Novos e as políticas de gestão da população e costumes escravos nas fazendas da Cia de Jesus no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)

[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276193213\\_ARQUIVO\\_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276193213_ARQUIVO_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf)

Lidiane Vicentina dos Santos

Saber colonial: os índios, os “feitiços” e a Inquisição no Grão-Pará (séc. XVIII)

[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276809969\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoanpuh.docrevisado.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276809969_ARQUIVO_TextoCompletoanpuh.docrevisado.pdf)

Marcia Sueli Amantino

Fazenda de Campos Novos e as políticas de gestão da população e costumes escravos nas fazendas da Cia de Jesus no Rio de Janeiro (séculos XVII e XVIII)

[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191032\\_ARQUIVO\\_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276191032_ARQUIVO_Fazenda+de+Campos+Novos.pdf)

Rodrigo de Sá Netto

A punição do escravo negro segundo os escritos jesuítas

[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276566639\\_ARQUIVO\\_trabalhocompleto-ANPUH1.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276566639_ARQUIVO_trabalhocompleto-ANPUH1.pdf)

## **Anexo (11): Verbetes**

### **Manuel da Nóbrega (1517-1570)**

Chefe da primeira missão jesuítica à América portuguesa, Manuel da Nóbrega nasceu 18 de outubro de 1517 em Portugal e seu pai Desembargador Baltazar da Nóbrega havia sido Juiz do Fora da cidade do Porto em 1532. Nóbrega estudou humanidades nas universidades de Salamanca e de Coimbra, onde se formou em 1541. Em 21 de novembro de 1544, apenas três anos depois de receber o diploma em Cânones pela Universidade de Coimbra. Manuel da Nóbrega, ingressa na Companhia de Jesus, onde assume, em Portugal, o cargo de Procurador dos Pobres. Nesse cargo fez peregrinações por Salamanca, Santiago de Compostela e outras cidades por Portugal. Em 1549 foi nomeado pelo então Provincial de Portugal chefe da Missão do Brasil, tornando-se seu fundador e onde permaneceu por toda a sua vida.

Manuel da Nóbrega saiu de Lisboa, na armada de Tomé de Sousa, em 1º de fevereiro de 1549 com destino as colônias da América portuguesa a mando de D. João III – que queria que no Brasil houvesse padres da Companhia de Jesus consagrados à conversão do Gêntio como ocorria na Índia. E pouquíssimos dias depois de chegar ao Brasil, Nóbrega dedica-se a conversão do gentio. O missionário colabora na fundação da Bahia e do Rio de Janeiro, funda o Colégio da Baía, em 1550, o Colégio de São Paulo em 1556 e o Colégio do Rio de Janeiro, em 1560. Vai ser nomeado o Primeiro Provincial do Brasil, cargo que ocupou por sete anos. Nóbrega morreu no Rio de Janeiro, em outubro de 1570 aos 53 anos de idade.

### **Obras de Manuel da Nóbrega**

- *Diálogo sobre a conversão do gentio*
- *Cartas do Brasil (1549-1560)*